

O que fazer diante de eventos climáticos ou meteorológicos extremos?

Rosana Aparecida Fernandes¹; Beatriz Garcia Lúcio¹; Caroline Nogueira Haas²

¹Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS

²Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IA/UFRGS

E-mail: rosanafernandes.edu@gmail.com

Estamos vivendo, no Brasil e no mundo, consequências e incertezas decorrentes de eventos climáticos e meteorológicos extremos. Nas últimas décadas, Eduardo Viveiros de Castro, Déborah Danowski, Ailton Krenak, Isabelle Stengers e outros antropólogos, filósofos, educadores e cientistas de diversas áreas do conhecimento vêm realizando pesquisas, e construindo um novo pensamento ontológico, ético, estético e epistemológico para abordar os problemas do século XXI, ao mesmo passo que explicitam a repercussão global que a ação humana tem sobre a Terra: o uso de combustíveis fósseis, a emissão de dióxido de carbono, a mineração, a expansão da agricultura industrial, o desmatamento, o consumo desenfreado.

Todos os dias, de um jeito ou de outro, em distintos lugares do planeta, as mudanças climáticas se impõem diante de todos nós e requerem outros modos de vida, outras concepções de cidades e de conexões com o planeta, outros modos de pensar e de fazer ciências. Em maio de 2026 fará dois anos que o Rio Grande do Sul foi devastado por enchentes, inundações e alagamentos. Vidas, cotidianos, casas, escolas, edifícios e estabelecimentos de diversos tipos ficaram semanas mergulhados nas águas turvas e escuras dos rios. Ter vivido, e ter acompanhado os muitos modos de ser atingido por uma grande enchente, nos colocou diante do desafio de, através da ação de extensão “O que fazer diante de eventos climáticos ou meteorológicos extremos?”, atuar em Educação Ambiental e Climática.

As escolas são centrais nas vidas das comunidades nesses contextos, seja porque acolhem, recebem,

alojam, seja porque crianças e jovens ficam semanas e meses sem aulas devido a destruição e interrupções causadas por esses eventos. Os professores e os profissionais da educação atuam desde a acolhida, limpeza, reconstrução, às retomadas de aulas e da rotina. E nos perguntamos: “Que suporte e preparo esses profissionais têm para atuar diante de eventos climáticos e meteorológicos extremos?” Quais pedagogias, estratégias e propostas podem nos instrumentalizar e nos qualificar para assumirmos a responsabilidade de estarmos diante de crianças, jovens, escolas e comunidades que sofreram os traumas e as perdas decorrentes de eventos extremos?

Há modos de pensar a vida na Terra que precisam ser questionados, e há um imaginário a ser fertilizado com outros modos de pensar e de estar no mundo. É em escolas e espaços de educação que nós aprendemos muito do que compreendemos do mundo e de seus funcionamentos, e é através de uma Educação Climática e Ambiental que poderemos criar outros modos de pensar e de nos relacionarmos com a Terra.

Nesse sentido, nós estamos trabalhando na produção de dois conjuntos de materiais:

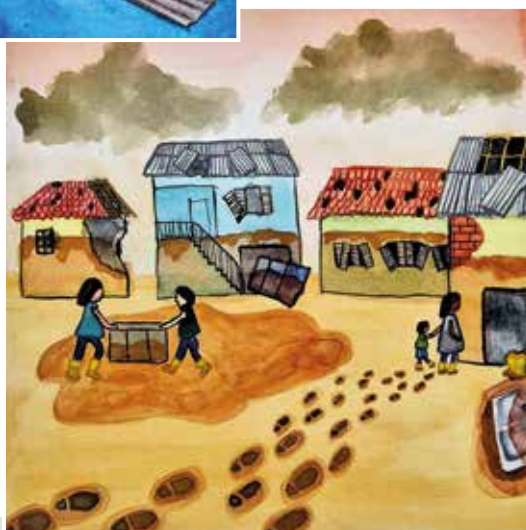
- a) O primeiro material é direcionado para professores da Educação Básica, no intuito de sistematizar orientações sobre como agir diante de eventos climáticos ou meteorológicos extremos. Está dividido em três volumes, cada um focado em uma etapa do processo de acolhimento: “Volume I — O que aconteceu?”; “Volume II — E agora? O que posso fazer?”;



“Volume III — Como posso fazer?”. Esse material será impresso e distribuído para escolas públicas.

- b) O segundo material está voltado à Educação Ambiental e Climática. É um jogo de cartas composto por frases coletadas em programas de rádio, podcasts, jornais e mídias sociais. Cada carta apresenta, na frente, uma arte que dá visibilidade a uma das frases que registramos e, no verso, temos perguntas elaboradas para provocar a crítica do enunciado. Entre

as frases que compõem o jogo estão: “A chuva insiste em cair sobre o Vale do Taquari”; “As chuvas podem causar atrasos na colheita da soja”; “O pecado é a causa de todas as catástrofes que acometem a humanidade”; “O Rio Grande do Sul tem sido vítima, nos últimos anos, de eventos climáticos extremos”; “Mas as pessoas voltam para o mesmo lugar”. A construção desse jogo surge da constatação de que discursos amplamente



disseminados por diferentes mídias tendem a naturalizar os desastres ambientais, transferindo a responsabilidade para a própria natureza, para justificativas de ordem religiosa ou para a culpabilização individual, em detrimento do que explicam as ciências e da trama complexa que há entre humanidade e natureza. As frases que ouvimos nos meios de comunicação formam modos de pensar, e, com esse jogo, queremos problematizar as mentalidades que simplificam as relações entre humanos e não-humanos. ◀



Referências

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os meios e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2017.

KRENAK, Ailton Krenak. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STENGERS, Isabelle Stengers. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.